

**RESISTÊNCIA E LIDERANÇA DA MULHER NEGRA:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOSÉ DE ICATÚ EM
MOCAJUBA-PA**

Sâmia Maírla Viana Pimentel¹
David Junior de Souza Silva²

RESUMO

A presente pesquisa traz como proposta a investigação acerca da historicidade da mulher quilombola. Investigamos as características da liderança política feminina no Quilombo São José de Icatu, em Mocajuba, Pará. O referencial teórico utilizado é o do feminismo negro. Procuramos compreender as especificidades da liderança política feminina no interior do Quilombo e na mediação com o Estado. Como metodologia, foram realizadas entrevistas, na modalidade história de vida, com Maria José, liderança da comunidade, no mês de agosto de 2021. Concluímos que a atuação política de Maria José tem um caráter interseccional e é orientada por uma política de cuidados. Sua atuação política abrange proteção ao território, preservação ambiental, ensino escolar infantil voltado para ancestralidade, memória comunitária e identidade negra e quilombola, ações de fortalecimento comunitário entre as próprias mulheres, no sentido de empoderamento e sororidade. A dimensão da sobrevivência à violência de gênero e violência racial, está incluída também, tristemente, como parte do cotidiano de Maria José, que ela tem de também enfrentar em sua atuação política.

Palavras-chave: Lugar de fala. Interseccionalidade. Território. Direitos étnicos.

**BLACK WOMEN'S RESISTANCE AND LEADERSHIP:
A STUDY IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY SÃO JOSÉ DE ICATÚ IN
MOCAJUBA-PA**

ABSTRACT

The present research aims to investigate the history of quilombola women. We investigate the characteristics of female political leadership in the Quilombo São José de Icatu, in Mocajuba, Pará. The theoretical framework used is that of black feminism. We seek to understand the specificities of female political leadership within the Quilombo and in mediation with the State. As methodology, we conducted interviews, in the modality of life history, with Maria José, community leader, in the month of August 2021. We conclude that Maria José's political action has an intersectional character and is guided by a policy of care. Her political action includes protection of the territory, environmental preservation, children's school education focused on ancestry, community memory, and black and quilombola identity, community strengthening actions among the women themselves, in the sense of empowerment and sorority. The dimension of survival to gender and racial violence is also included, sadly, as part of Maria José's daily life, which she also has to face in her political action.

Keywords: Standpoint. Intersectionality. Territory. Ethnic rights.

Data de submissão: 30. 09. 2021

Data de aprovação: 06. 04. 2022

INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Pará. E-mail: samiamairla25@gmail.com.

² Professor permanente no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Amapá - PROFHISTÓRIA/UNIFAP e no programa de pós-graduação em desenvolvimento socioespacial e regional da Universidade estadual do Maranhão (PPDSR/UEMA). E-mail: Davi_rosendo@live.com.

A presente pesquisa traz como proposta a investigação acerca da historicidade da mulher quilombola. Investigaremos as características da liderança política feminina no Quilombo São José de Icatu, em Mocajuba, Pará. O referencial teórico utilizado é o do feminismo negro. Procuramos compreender as especificidades da liderança política feminina no interior do Quilombo e na mediação com o Estado.

A pesquisa se justifica pela necessidade teórica de compreender a especificidade da ação política da mulher quilombola em relação ao conjunto de ações do movimento feminista; e pela necessidade conceitual de compreender as especificidades de uma liderança feminina dentro dos quilombos.

Em termos de estrutura social, a mulher negra e quilombola enfrenta os desafios do racismo estrutural e do patriarcado, que lhes impõem objetivamente uma realidade de desumanização, dominação e exploração.

Uma das consequências do sistema racismo/patriarcado é a expropriação do tempo das mulheres. Na organização familiar doméstica – a forma como homens e mulheres gastam as horas de seus dias revela essa desigualdade de gênero e a naturalização do papel da mulher como única responsável pelo trabalho de manutenção da casa. Isto tem impacto sobre as possibilidades de agência política das mulheres, uma vez que lhe é retirada a substância para isso: o tempo. Esta realidade acrescenta outro obstáculo a ser superado pela atuação política feminina.

Nesta pesquisa, buscamos compreender as características da atuação política de Maria José, liderança política do Quilombo São José de Icatu, em Mocajuba, Pará. Para tanto, visitamos a comunidade em duas ocasiões nos meses de julho e agosto de 2021, e realizamos entrevista com Maria José. As entrevistas foram transcritas e em seguida analisadas.

Justificativa para esta escolha empírica é a constatação de que, não obstante a estrutura social opressiva, lideranças políticas negras têm construído uma ação política concreta e que confronta essa mesma estrutura social.

O referencial teórico utilizado é a teoria política feminista negra, especialmente Ribeiro (2017; 2018) e Davis (2016; 2017). Escolho esta linha teórica porque delimita o processo emancipatório da mulher quilombola, nos eixos do enfrentamento ao racismo, suas lutas travadas para ocupar espaços e contra uma estrutura social que lhe desfavorece. Assim, o problema da pesquisa é: como se dá o empoderamento de uma mulher quilombola no seu espaço de vivência?

No texto, procuro compreender como esses processos individuais podem influenciar o movimento da mulher negra, considerando os caminhos em que elas se constroem como sujeitos rebeldes ao sistema capitalismo-branquitude-patriarcado. Procurarei descrever os caminhos que constroem como: a independência (seja financeira ou pessoal), a superação das amarras que restringem sua liberdade e a luta pelo lugar de fala. E analisar a metamorfose da construção do ser mulher negra liderança política, pois o campo político é uma das esferas sociais onde constrói seus devires e a ruptura com o patriarcado-racista.

1 FEMINISMO NEGRO EM CONTEXTOS TEÓRICOS

O movimento feminista é um ato de luta, resistência e vivências de mulheres que trabalham em busca de melhorias dos direitos das mulheres. São resistências vivenciadas antes mesmo do movimento feminista criar raízes na história. Para problematizar a pesquisa é necessário conhecer os pontos principais desse evento histórico, pois o feminismo é tão antigo quanto a repressão sexual. Neste sentido, o movimento feminista surgiu quando as mulheres perceberam que quem determina se elas serão donas de casa ou não são elas próprias, apesar das barreiras colocadas entre suas ações, elas continuam esse movimento com o objetivo de tornar a sociedade melhor para sua geração e as futuras.

Por esta razão, é importante descrever como surgiu o feminismo negro na história, para entender como se posiciona atualmente, precisa-se entender como se tornou parte das divisões que o feminismo sofre em questão estrutural, pois o feminismo possui algumas correntes que nomeiam como cada mulher se coloca dentro do meio que ela vive. O movimento feminista é dividido por ondas cronologicamente, temos a primeira onda, segunda onda e uma terceira onda.

O racismo é algo que está presente no movimento feminista e por esta razão existe a superioridade de movimentos, no qual quando falamos a palavra “feminista” será uma causa feminista global, que abraça todas as mulheres, ou é apenas um racismo mascarado onde surge a necessidade de distinguir que existem mulheres negras lutando dentro desse movimento?

No Brasil o movimento feminista iniciou-se no século XIX com a primeira onda, no qual as reivindicações eram voltadas para questões como o direito ao voto e a vida pública. A partir desse marco, nasceu em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e pelo direito ao trabalho sem a permissão do marido.

A segunda onda marcou seu início nos anos de 1970, no qual a democracia estava vivenciando uma crise capitalista. Portanto, as propostas de intervenções do movimento feminista nesse segundo momento eram acerca da luta pela “valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual, essa segunda geração combateu a ditadura militar” (RIBEIRO, 2018, p. 78). Todavia, o movimento só ganhou força no final da década de 1970, a partir desse período outras lutas surgiram com o objetivo de tornar a mulher um sujeito político.

A terceira onda levantou-se na década de 1990, colocando como discussão a questão da micropolítica. Nesse período surgiram algumas críticas das feministas a respeito do discurso universal, considerado excludente, pois as mulheres são oprimidas de modos diferentes, surgindo a necessidade de discutir sobre relações de gênero, raça e classe social. O “movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher” (RIBEIRO, 2018, p.32).

Ribeiro, ao narrar a história do feminismo, argumenta que a dimensão da interseccionalidade está presente desde o princípio das lutas feministas modernas, como é exemplificado pela história de Sojourner Truth.

Com as histórias de resistências e produções de mulheres negras desde antes do período escravocrata e, conseqüentemente, com a produção e atuação de feministas negras é que esse debate já vinha sendo feito; o problema, então, seria a sua falta de visibilidade. Essa discussão já vem sendo feita desde a primeira onda, como nos mostra Truth, assim como na segunda onda, como podemos ver nas obras de feministas negras como bell hooks, Audre Lorde entre outras, apesar de ambas não serem caracterizadas por este tipo de reivindicação pela perspectiva dominante (RIBEIRO, 2017, p. 14).

O discurso de Sojourner Truth, proferido em 1851, na Women’s Rights Convention nos Estados Unidos, já testemunha e denuncia a diferença na realidade social entre mulheres brancas e negras.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse

oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendidos para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 2014, s/p).

Nesta citação podemos identificar a presença da primeira onda do movimento feminista e também o que a voz de Sojourner traz, além de inquietações e necessidade de existir, é evidenciar que as vozes esquecidas pelo feminismo hegemônico já falavam há muito tempo. A questão a ser formulada é: por que demoraram tanto a serem ouvidas? Muitas mulheres brancas não cediam espaço para a visibilidade da situação da mulher negra, o movimento buscava abarcar as mulheres, todavia nem todas eram agraciadas com a causa.

Lélia Gonzalez também refletiu sobre a ausência de mulheres negras e indígenas no feminismo hegemônico e criticou essa insistência das intelectuais e ativistas em somente reproduzirem um feminismo europeu, sem dar a devida importância sobre a realidade dessas mulheres em países colonizados. Gonzalez evidenciou as diferentes trajetórias e estratégias de resistência dessas mulheres e defendeu um feminismo afrolatinoamericano colocando em evidência o legado de luta, a partilha de caminhos de enfrentamento ao racismo e sexismo já percorridos. Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências (RIBEIRO, 2017, p. 16).

O feminismo negro precisa tornar-se resistência e posicionado na sociedade, pois era notório que apesar do engajamento de mulheres brancas no movimento feminista, elas não demonstravam incluir mulheres negras nas suas falas quando diziam entender sobre reforma e direitos humanos. Então, foi necessário haver essa movimentação da mulher negra pela sua inclusão e manifestação para compartilhar suas lutas, vivências e projetos para luta da mulher negra no seu lugar de fala.

Para que o movimento negro das mulheres seja eficaz pelas causas que lutam, deve se tornar prioridade o problema das mulheres racialmente oprimidas como prioridade de uma causa que deve ser conquistada. Durante as fases iniciais do movimento de mulheres contemporâneo, as questões relativas à libertação feminina foram tão estreitamente definidas que a maioria das mulheres brancas não aprendeu a importância de defender as mulheres negras das agressões ideológicas e materiais provenientes do governo.

A feminista negra reconhecia a importância do feminismo como teoria e prática no combate às desigualdades, no enfrentamento ao capitalismo patriarcal e desenvolvendo buscas de novas formas de ser mulher. Entretanto, Gonzalez afirmava que somente basear as análises no capitalismo patriarcal não dava conta de responder às situações de mulheres negras e indígenas da América Latina, pois, para a autora, faltava incluir outro tipo de discriminação tão grave quanto as outras citadas: a opressão de caráter racial (RIBEIRO, 2017, p. 16).

A realidade de uma mulher negra é totalmente diferente de uma mulher branca, e o principal fator dessa diferença é a opressão racial, é um problema grave quando pesquisadoras ou mulheres brancas tomam para si o lugar de fala do povo negro, pois as vivências e experiências vividas por elas jamais poderão ser expressadas por alguém que não viveu determinado tipo de discriminação e preconceito.

O feminismo negro é um movimento necessário para a sociedade, para as mulheres negras e precisa conquistar espaço e visibilização para que haja o reconhecimento sobre a história e contexto social, político e doméstico que a mulher negra vivencia. O movimento negro feminino não tem a intenção de retirar os espaços ocupados pelas mulheres brancas, o

objetivo é que elas possam ocupar o lugar de fala que somente elas podem ter, a experiência de uma mulher branca não é a mesma vivência de uma mulher negra.

A mulher negra desde o período escravocrata era vista como mercadoria sexual, mão de obra e escrava. Ser mulher negra era considerado praticamente uma anomalia, pois o papel que era enfatizado para as mulheres brancas como mãe, protetoras, parceiras e donas de casa amáveis aos seus maridos, não poderia jamais ser destinado a uma mulher negra, a opressão das mulheres era idêntica aos dos homens.

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas [...] Como Mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle feitos sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras (DAVIS, 2016, p. 19-20).

Angela Davis (2016) nesta citação deixa claro a posição da mulher negra na era escravocrata, mostrando algumas violações do corpo da mulher e do ser mulher que elas enfrentavam naquele tempo, situações que oprimem e tentam desvalorizar a mulher, sujeitando a viver como propriedade e não como humanidade. No movimento feminista existe a ideia da universalização, todavia essa ideia de falar de mulheres no universal, não especificando a diferença existente, acaba visibilizando apenas uma parte do grupo das mulheres e as estatísticas apontam que essas relações públicas alcançam necessariamente mulheres brancas.

Mulheres negras, por exemplo, possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores – materialidade! – e, sendo assim, nada mais ético do que pensar em saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições. Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017, p. 25).

Desta forma, é necessária a criação de políticas públicas, rodas de conversas, projetos que possam abarcar mulheres negras como protagonistas, uma vez que, só se pode vencer o preconceito racial posicionando-se contra ele. Chegou o momento de conceder o lugar às mulheres negras para que elas possam lutar, narrar e se tornarem donas de sua história, por isso a importância de pesquisar e se posicionar como negra, pois a história verdadeira só pode ser contada por quem realmente a viveu, pois pensar o feminismo negro é pensar em projetos democráticos.

1.1 EMPODERAMENTO FEMININO CONCEITUADO EM VÁRIAS PERSPECTIVAS

O empoderamento da mulher é como um movimento abarcando sua resistência, sua luta e sua imposição a todas as colocações machistas, sexistas e violentas que a sociedade patriarcal deixou como legado. O empoderamento é a tomada de consciência de “que existia uma máscara calando não só minha voz, mas minha existência” (RIBEIRO, 2018, p. 10), por esta razão empoderar-se não significa “chamar” atenção para si, empoderar-se é fazer revolução e ela começa em cada mulher.

Pensar a prática de mulheres negras me fez perceber o quanto isso era importante para restituir humanidades negadas. Tudo o que aprendi na luta política do dia a dia e nas organizações em que atuei foi essencial para meu crescimento e minha visão de mundo [...] O papel fundamental da mulher negra na teoria feminista ao questionar o patriarcado racista. Ela ainda me ensinou a diferença entre identidade vitimada e resistência militante, mostrando o quanto as mulheres negras vêm historicamente entendendo a necessidade de construir redes de solidariedade política em vez de se fixar numa narrativa imutável de não transcendência (RIBEIRO, 2018, p. 14).

Neste sentido, para compreender as razões de lutar precisa-se reconhecer os objetivos que motivam a causa. Mas, só se pode entender os motivos quando a mulher consegue se identificar como negra e cria essa solidariedade política, social e racial. Mas, a razão de citar essa dificuldade de reconhecimento identitário é importante porque é uma realidade frequente nos movimentos negros e acima de tudo entre as mulheres. O exemplo disso se apresenta na busca da beleza “padrão”, mulher branca dos cabelos lisos, nesse momento acontece a tentativa de tornar-se “igual”, já que não pode ocorrer pela mudança de cor de pele, surge a ideia de alisamento capilar, vestimenta dos brancos, apropriação da língua e costumes europeus.

Para empoderar-se primeiramente nasce a necessidade de reconhecimento pessoal, uma descoberta do verdadeiro eu e sujeito de estar no mundo, segundo um poeta palestino Mourid Barghouti “o jeito mais simples de se destituir uma pessoa é contar sua história e colocá-la em segundo lugar” (*apud* RIBEIRO, 2018, p. 13). O negro sempre foi forçado a se vestir de branco, criando neles a falsa ilusão de aceitação acaso eles assumissem culturalmente todos os costumes europeus, o negro tentando ser reconhecido como humano, acaba se submetendo a essas aculturações.

Essa tentativa de aculturação pode ser vista nos diversos relatos de ativistas dos movimentos negros, um exemplo desse fato é quando Djamilia Ribeiro (2018) narra nos primeiros parágrafos introdutórios do livro a sua descoberta de ser negra e principalmente o de ser mulher negra. No texto ela conta como foi doloroso e humilhante viver tentando agradar todos para que ela tivesse um pouco de aceitação e respeito dos seus colegas de classe, no escrito também pode-se ver o quanto era discriminada apesar de todos os seus esforços.

Não dá para lutar contra o que não se pode dar nome. Como no Brasil todos os documentos relacionados à escravidão foram queimados, não temos como saber de onde viemos, se da Nigéria ou de Guiné-Bissau. E, quando não se sabe de onde vem, é mais fácil ir para onde a máscara diz que é seu lugar. Conhecer minha história, a história dos meus antepassados, me possibilitou romper com a história única e identificar tudo aquilo de negativo que havia sido dito sobre pessoas como eu (RIBEIRO, 2018, p. 13-14).

É necessário buscar maneiras de se libertar do adormecimento que o racismo causa, é essencial ter coragem de olhar para si mesmo com sinceridade e retirar todo o mal que foi colocado ali com tanta opressão e silenciamento. Segundo a autora, o não pertencimento da mulher negra pode ser doloroso, mas é potente, uma vez que, concede a possibilidade de enxergar a sociedade de um lugar social “que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência” (RIBEIRO, 2018, p. 16).

O empoderamento tem como objetivo quebrar o silenciamento que muitas mulheres negras sofrem na sociedade, é pensar estratégias antirracistas e antissexistas. Empoderamento é também uma ação coletiva, pois precisa incluir mudanças pessoais e coletivas. O empoderamento das mulheres quilombolas é uma forma de resistência à opressão.

2 QUILOMBO SÃO JOSÉ DE ICATÚ: O OLHAR DA NEGRA QUILOMBOLA MARIA JOSÉ ACERCA DO TERRITÓRIO

O Quilombo São José de Icatu localiza-se na área rural do município de Mocajuba, estado do Pará, às margens do Rio Tocantins, a cerca de 20 minutos de motocicleta do centro da cidade. A palavra Icatu é derivada do nome do rio que cruza a comunidade, e significa “Rio de Água Boa”. O Instituto de Terras do Pará - ITERPA delimitou a área do quilombo em 1.636.612 hectares, com perímetro de 18.051,44 metros.

O início do povoamento do quilombo São José de Icatú ocorreu aproximadamente em 1977. Foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 2002. Segundo nossa entrevistada Maria José, para a conquista da titulação de terra foi necessário um estudo antropológico para que a Fundação Cultural Palmares pudesse reconhecer como um território quilombola. Em entrevista, Maria José, liderança da comunidade, relatou que:

Foi uma luta incansavelmente, porque tive que fazer também um estudo para saber se a comunidade e os comunitários realmente queriam ser quilombola. E pra entrar no título coletivo, e graças a Deus a gente conseguiu e foi o ITERPA que nos deu a graça de ser titulado pelo ITERPA. (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

A certificação como quilombola pela FCP é importante porque implica reconhecimento da identidade da comunidade. Este reconhecimento é fundamental porque a identidade não é apenas uma construção histórica, é um modo de ser e estar no mundo, por isso a importância e preocupação de manter enraizada essa identidade nos quilombos, pois os choques culturais existem e é importante saber de onde veio e os seus valores culturais para saber o caminho a ser seguido, conforme explica Maria José.

A certificação pela FCP é um passo importante, porém não previne conflitos. Maria José narra as invasões territoriais de que tem sido vítima o quilombo.

É, ele é respeitado, hoje começou algumas invasões pela estrada, por um projeto né que tá chegando, ambos os lados, como faz a parte rural como a parte ribeirinho. Quilombo São José de Icatú é feito de uma parte rural e uma parte ribeirinha. Então a gente começou a ter alguns conflitos sim. Os próprios, tem algumas pessoas de dentro da comunidade, do território que querem vender a área, para essas pessoas entrarem dentro do quilombo (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

Na fala da Maria é perceptível a preocupação acerca das invasões dentro do território, invasões essas que são autorizadas por alguns membros da comunidade, legalizando o território como apenas seu e que pode utilizar ele como bem entender. Medidas estão sendo tomadas pelos líderes para que não aconteça situações trágicas no quilombo, a senhora Maria disse que para impedir que isso ocorra, estão preparando um protocolo de consulta por meio da Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e, para que haja uma investigação do empreendimento da comunidade, bem como, sejam consultados também os comunitários. Segundo ela, essa medida pode assegurar que essas invasões parem um pouco.

O quilombo São José está localizado em uma área florestal, todavia, Maria José relatou que:

Tá sendo bastante porque o reconhecimento de muitas pessoas não reconhecem que é um bem pra todos, ele diz: Se eu derrubar no meu terreno não tem problema, nós temos um título único, mas que cada um tem seu pedacinho lá dentro. Só se for pra aposentadoria, pra alguma coisa é um título único, então a gente tem um respeito um pelos outros e as pessoas não estão tendo respeito pela própria floresta, sendo derrubada castanheira e tem alguns problemas grave lá, que tá acontecendo (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

Essa devastação está ocorrendo nas áreas mais externas da comunidade. A comunidade possui uma parte mais centralizada onde foram construídas casas padrão de alvenaria, pintadas de branco formando fileiras que foram distribuídas entre eles. E a parte mais externa onde foram

construídas casas perto da entrada do quilombo, que são pouco mais afastadas do centro, onde está localizada a igreja, o posto de saúde, o salão de encontro dos quilombolas e os festejos.

De acordo com Maria José, essa devastação está acontecendo nessas partes mais externas da comunidade, é uma invasão que ocorre muitas vezes pela permissão de alguns moradores colocando a terra apenas individual e esquecendo que o território cria conexões culturais, históricas e vivências.

Uma das melhorias citadas por Maria José é acerca do reflorestamento da comunidade, trabalhar a educação ambiental nos mais jovens para que eles possam plantar mais e derrubar menos. Então é necessário haver a conscientização acerca do poder florestal que o território oferece ao povo quilombola, pois através dela existem os recursos para a sobrevivência comunitária.

Na comunidade existe também a preocupação acerca da melhoria de vida dos membros, segundo Maria José a melhoria para vida dos mais velhos é:

A vida, de, pra melhoria graças a Deus nós tivemos é, um projeto, Minha casa minha vida, e tivemos também um projeto de, a gente pensar, nos mais velhos, que todos tivessem uma casa padronizada, um banheiro, tudo padronizada, para que eles pudessem também viver um pouco daquilo de tudo que eles trabalharam tanto, tanto, e às vezes só a juventude vai usufruir de tudo isso, mas graças a Deus no Icatú a gente tá fazendo isso e para que a gente possa também fortalecer e manter o respeito com esses mais velhos (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

No quilombo existem projetos que podem proporcionar alguns benefícios aos idosos, o que preocupa bastante é a questão hospitalar, na sua fala Maria José deixa claro que apesar da existência do posto de saúde, não têm medicações e acessibilidade médica adequada. Atualmente que se formou uma técnica de enfermagem do quilombo que já traz alguns suportes de ajuda hospitalar, todavia, não é o suficiente.

Um dos projetos para os idosos quilombolas é conseguir mobilizar um movimento que possa chamar a atenção do INSS para que torne mais viável o acesso à aposentadoria e outros benefícios aos trabalhadores e demais segurados.

Outra questão problematizada por Maria José acerca do quilombo, é a situação das crianças na comunidade, de acordo com ela:

É a melhoria para as crianças, tá faltando a gente providenciar um projeto para que essas crianças possam entender, o que é ser quilombola, uma identidade, então a gente tá começando também com esse trabalho na sala de aula, a onde a SEMEC tá também contribuindo com a gente, ajudando, tem agora, uma educação escolar quilombola, que vai daqui como tempo, não é agora isso né? Com as diretrizes né? é que vai conseguir amarrar tudo isso pra que possa ter essa cultura, que a pessoa possa entender o que é ser quilombola (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

Nesse sentido, uma das mobilizações da comunidade também é despertar nas crianças a sua identidade quilombola, o papel da negritude nas suas vidas e como essa tomada de consciência racial pode incentivar o Movimento Negro e suas lutas. Na comunidade existe um projeto chamado Cultura na Escola, que tem como principal objetivo cultivar nas crianças através da dança e da música memórias e aprendizado sobre sua história, nesse projeto são trabalhadas a questão da cultura e identidade negra quilombola.

Outra pergunta feita à Maria José foi acerca das melhorias para as mulheres no quilombo, de acordo com sua fala ela diz sobre a situação das mulheres quilombolas:

Hoje ela tá sendo, o empoderamento tá sendo muito bom a onde nós temos uma associação do pescador que é dominado por mulher, nós temos também o grupo de mulheres que trabalham muito bem, manusear muito bem, elas tem suas próprias perspectivas e na Padaria Fruto da união também está sendo dominado por mulheres,

então o empoderamento é que, com que elas possam aprender e vivenciar aquilo que é nosso com a nossa própria responsabilidade e também o direito como, entra mais um dinheiro a parte, além de ser o dinheiro da família que as mulheres, que muitas vezes as mulheres ficavam esperando meu marido tem que me dá o dinheiro pra eu poder fazer alguma coisa minha e isso a gente já fazendo, manuseando graças a Deus, e a respeitando porque é direito e deveres nós temos, então eu sempre digo pra elas, na reunião (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

No quilombo existe um local especialmente para os encontros das mulheres quilombolas, é interessante perceber como o território realmente abarca todas as formas de movimentação e luta. Todavia, no decorrer da entrevista será identificado que para existir esse grupo de mulheres houve resistência para ocupar o seu lugar de fala. Maria José foi coordenadora do grupo de mulheres chamado “Flor da Roça”, neste grupo elas trabalham com polpas de frutas, fabricam e vendem dentro da comunidade e no município de Mocajuba.

Maria José, em sua entrevista, mostrou muito entusiasmo nos avanços e conquistas que as mulheres conseguiram, tanto que sua fala girou em torno de espaços conquistados e não no que poderia faltar, uma vez que, “a perspectiva das mulheres são muito boas mesmo, então com isso a gente consegue se reanimar e se reverter pra frente” (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

É relevante refletir sobre como a Covid-19 afetou os territórios quilombolas e como eles conviveram com a pandemia durante esses anos difíceis. Na comunidade São José de Icatú houve o auxílio do Governo Federal, segundo Maria José:

Tivemos auxílio sim, é pela, um que é a CONAQ, que é uma entidade que trabalha com a gente, nós tivemos o Opac, e tivemos pela universidade federal, uma equipe que tá sendo trabalhada né, foi feito um projeto aonde leva uma equipe médica lá na comunidade pela pandemia, então isso foi muito bom pra gente (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

A pandemia trouxe muitos desafios ao mundo todo, milhões de mortes, caos e desestabilidades físicas, financeiras, psicológicas e sociais. Houve um impacto mundial e é importante saber como resultou nos quilombos. Na comunidade de São José a assistência médica para que fossem monitoradas as condições de saúde dos quilombolas, fora a contribuição da CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos que estiveram auxiliando a comunidade nesse processo difícil. Todavia, apesar dessas colaborações, a comunidade enfrentou algumas dificuldades, Maria José diz que:

Nós tivemos muitos problemas porque quando foi na hora do fica em casa, todo mundo em casa, nós não fizemos roça, perdemos muita coisa também, e com isso nós vamos sofrer, 2 anos de sofrimento pra nós, pra gente recuperar tudo aquilo perdido. Ai nós paremos e não podemos fazer a roça porque tivemos que ficar em casa, não plantamos, não capinamos e ai aconteceu esses fatores que a gente tá sofrendo muito (Maria José. Entrevista realizada em agosto de 2021).

O principal impacto na comunidade foi envolvendo as suas plantações, pois sem as mesmas, a comunidade é afetada financeiramente e individualmente em seus membros. Maria José fala que por dois anos o sofrimento é grande para eles, porque é muito difícil recuperar as plantações, uma vez que o principal meio de subsistência da comunidade é a agricultura. No entanto, apesar das mudanças que foram necessárias acontecer na comunidade conseguiu resistir a esse momento, um fato positivo foi que os quilombolas foram um dos primeiros a receber a vacina, o que é um fator benéfico, uma vez que evita os números de casos elevados nos quilombos e consequentemente os números de mortes.

Desta maneira, pode-se perceber que quilombo não é apenas um lugar ou um pequeno vilarejo onde residem pessoas, segundo Beatriz Nascimento:

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição (NASCIMENTO, 2018, p.7).

O quilombo é um território de memórias, de luta e persistência, lugar que carrega aspectos culturais e históricos, terra que derramou sangue, gritos e protestos para sobreviver e ser livre.

2.1 A HISTÓRIA E VIVÊNCIA DA MARIA JOSÉ: NEGRA, LIDERANÇA E FEMINISTA

A narrativa de Maria José possibilitou compreender o quilombo dentro das suas perspectivas e realidades atuais, trouxe na sua expressão linguística o despertar da consciência acerca de como o quilombo é um território de luta e afirmação dos modos de vida da mulher negra. No decorrer de sua fala, é possível identificar os avanços e necessidades que precisam ainda serem atendidas ao seu povo, mas mostra também, a força que juntos possuem para lutar pelos seus direitos e as conquistas já alcançadas.

Esta seção será dedicada a descrever a história de vida de Maria José, como liderança comunitária quilombola. No decorrer da sua fala, será possível compreender aspectos de sua sua vivência como mulher negra liderança dentro e fora de seu território. É interessante observar como ela menciona dentro da sua história o papel das demais mulheres que a acompanham no movimento.

De acordo com Angela Davis (2016), a educação foi o papel primordial para o começo da emancipação do negro. No seu livro “Mulheres, Raça e Classe” foi dedicado um capítulo para mostrar como a educação promove a libertação e como pode mudar as perspectivas das mulheres negras. A afirmação disso, está presente na vida da Maria José, pois o interesse de participar dos encontros e movimentos de luta da comunidade exigiu dela aperfeiçoamento educacional, consolidando a afirmação de Davis (2016) quando diz que “o conhecimento torna uma criança inadequada para a escravidão e que a educação era sua maior prioridade” (DAVIS, 2016, p. 108). Desta maneira, Maria José diz:

Eu não tinha muito assim ideia, mas eu ia escrevia tudo, tudo, tudo, eu tenho caderno que meu Deus do céu, eu escrevia para poder repassar direitinho, que eu queria repassar, na época eu não tinha celular pra gente gravar, então eu tive muita dificuldade, mas com isso, eu fui aprendendo. Eu só tinha a segunda série, aí eu voltei a estudar porque eu queria, e meu sonho era ser formar em Relações Humanas depois e aí veio um curso pelo Cedenpa [Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará] e eles me ajudaram muito. A Zélia Amador, é uma pessoa muito fortalecida pelas lutas dos negros e principalmente dos quilombolas né? Aí eu ganhei uma bolsa e consegui me formar nesse curso.. Aí eu fiz o 1, 2 e 3, aí no terceiro eu dizia pra ela: “Professora eu tô pronta pra trabalhar para as comunidades até o resto da minha vida” (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

Desse modo, a emancipação acontece pela educação, uma vez que, existiu a preocupação da Maria José em buscar conhecimento, continuar seus estudos para poder trabalhar em função da sua comunidade. Uma das razões de satisfazer seu desejo de aprender aconteceu devido aos comentários sobre ela não ser a representante ideal do povo nos eventos e movimentos de luta, justamente por não possuir estudos. Maria José cita em uma de suas falas:

A única coisa que tentaram, porque assim diziam pelo estudo, tentaram muito né, é às vezes diziam, “há mais fulano tem mais estudo que você”, aí até um dia eu fiz uma

prova dos nove, fez um curso pra professora que passei, só que eu não exerci o cargo porque eu não tenho dom e também eu nunca quis mesmo. Ai fiz o encheja também, porque, assim, com isso, provocação das pessoas, tu começa a querer mais né e fui chamada também para uma reunião da CUT (Central Única dos Trabalhadores) (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

Nessa perspectiva, Maria José lutou por melhorias na sua educação para continuar sua liderança e se tornar referência para outras mulheres dentro da comunidade, apesar de considerar humildemente que seu empoderamento não implica tanto nas ações das suas irmãs de luta, pois ela afirma que “as outras mulheres ajudam muito, tudo eu sou capaz naquele que me fortalece, então primeiro Deus e depois as outras mulheres me fortalecem”. Então, é um grupo de mulheres que se apoiam e confiam no seu potencial para desenvolver todas as funções que estão ligadas às mulheres quilombolas de São José de Icatú.

Na comunidade São José de Icatú existe um grupo de mulheres que se reúne e trabalha ativamente para ajudar a contribuir economicamente na comunidade e incentivar o empoderamento feminino na busca de ocupar seus espaços. O grupo já foi coordenado por Maria José e se chama “Flor da Roça”, criado no ano de 2010, dentro dele são realizadas reuniões que trabalham o psicológico, a identidade, o empoderamento e a autonomia da mulher. Em sua fala Maria José cita:

a gente desenvolve a polpa de fruta, uma horta comunitária e desenvolve outras coisas também, tem que ser psicólogo, tem que ser tudo dentro de um movimento desse né? (Risos). Porque ele foi criado dentro de pessoas que começaram, a gente tinha mutirões que começavam a falhar nos mutirões e a gente queria saber porque e começamos a sentir que às vezes os maridos brigavam em casa, aquela coisa toda e aí a gente começamos, a mulher começava a ficar dormindo em casa o dia todo, aí nós sentíamos que a mulher começou a sofrer depressão, a gente começou a montar esse grupo, com esse grupo a gente ia pra casa, calçada conversar, cantar e brincar com as mulheres que estavam dessa forma, com essa situação (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

O grupo “Flor da Roça” proporciona estabilidade e apoio emocional a essas mulheres, cultivando nelas a consciência acerca da sua força e capacidade. No entanto, é um grupo que não se fecha apenas nas suas lutas ou estudos teóricos, elas buscam proporcionar efetivamente mudanças sociais dentro e fora da comunidade, e isso implica quando Maria José se mobiliza em participar de outros projetos na comunidade ou fora dela que dá voz a todas as suas irmãs.

Uma característica interessante de muitas feministas negras é que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes. Feminismo negro, segundo Sebastião, seria um movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras que estão envolvidas no combate às desigualdades para promover uma mudança social de fato; não seriam mulheres preocupadas somente com as opressões que lhe atingem, mulheres negras estariam discutindo e disputando projetos (RIBEIRO, 2017, p. 28).

A atuação política de Maria José engloba a preocupação com as opressões envolvendo as mulheres negras e as causas comunitárias em sua totalidade. A demonstração disso acontece quando ela conta sobre sua militância e participações de cargos na comunidade.

Em 2000 eu comecei, como é, da igreja católica, em 2004 eu comecei a trabalhar na comunidade quilombola, aí em 2008 eu já fui para o Estado, já me elegeram como Conselho Diretor da Malungo. Que é uma entidade que agrega comunidade quilombola do Estado do Pará. Ai de lá já venho trabalhando todos esses anos lá. A influência foi as necessidade que eu via dentro da comunidade, então a gente em 2010 pra trás nossa vida era muito precária, muito mesmo, nós vivia em situação de calamidade. Aí eu comecei a, foi para assembléia do Povo de Deus que é a Igreja

Católica, e a Igreja Católica tinha um projeto muito bom, que se falava em projetos sociais, como a pastoral da criança e lá eu descobri também alguns processos sociais pra algumas comunidade. E com isso, já tava criado um grupo de quilombolas aqui que é só um grupo de pessoas, não era todo mundo que tinha conhecimento, aí nós começamos a se engajar todo mundo e eu sou meio faladeira comecei a me prontificar a participar dos eventos. Aí nós fomos convidados pela IQUI, que é uma entidade que não é brasileira pra fazer uma reunião em 2010, aí já fui eu, professor Domingos Flávio daqui, aí pronto, já me sentir muito fortalecida e a base me segurou muito e quando eu chegava eu conseguia repassar (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

Um dos motivos para o envolvimento da Maria José dentro do quilombo aconteceu pelo fato dela ver algumas necessidades na sua comunidade que alguém teria que buscar soluções e colocar em pauta como uma causa a ser conquistada. Sua atuação política assim tem a ver com assumir a liderança para realizar uma política de cuidado comunitário.

Estas posições de liderança implicam uma luta pelo direito da fala e por reconhecimento, uma vez que o “falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, 2017, p. 36).

Através disso, sua militância começou a ser cultivada, seus primeiros cargos apesar de serem pequenos, foram os quais a prepararam para saber por quem ela deve lutar, a razão e o poder que ela possui quando consegue ocupar seu lugar de fala e seu espaço.

Um ponto de partida para sua atuação na liderança está relacionado com fortes influências familiares: sua irmã foi a primeira presidente mulher da comunidade São José de Icatú e é uma das militantes que a incentivou a entrar para o trabalho de liderança.

Ocupar espaços de liderança e voz, todavia, é tarefa difícil. A primeira dificuldade foi a questão de gênero, pois “mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca” (RIBEIRO, 2017, p. 23). Isto pode ser identificado quando ela relata que:

a liderança entre homem e mulheres, porque a mulher é muito frágil, a mulher não sabe se defender, então essa é a diferença, mas não a gente é forte, a gente consegue se defender e a gente consegue unir força com as outras mulheres. O tratamento, é digo assim, entre gênero é muito complicado, porque sempre os cargos maiores, sempre eles dizem, você não vai dá conta, você não consegue viajar sozinha, então o tratamento sempre tem esse impasse dentro dessa fragilidade de não conseguir (Maria José.. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

Essa realidade patriarcal é uma estrutura de opressão que persegue as mulheres, tentando as impossibilitar de ocuparem posições de liderança.

No entanto, Maria José diz que não se curva diante desse preconceito machista, segundo ela o importante é reagir e mostrar às demais mulheres que elas são capazes de ocupar esses espaços, uma vez que, “uma mulher negra empoderada incomoda muita gente” (RIBEIRO, 2018, p. 40). Várias vezes na entrevista Maria José reitera o quanto é importante às mulheres não se deixar desmotivar com comentários que tentam limitá-las.

No decorrer da sua caminhada como liderança, houve muitos desafios e dores para serem ultrapassadas e curadas, todavia, existiram dois momentos marcantes em que mostram como a violência e o preconceito racial são duas causas presentes na vida de uma mulher negra. As barreiras a serem derrubadas não são apenas contra o sexismo, mas estão interligadas à opressão racial e à opressão de gênero. Desta maneira, no decorrer de seus relatos de vida, Maria José conta que:

É, mas faltou uma parte que eu queria contar. Que em 2006, eu tinha marido, e em 2006 foi o primeiro encontro das Mulheres Quilombola Negra no Pará e eu fui inscrita pra ir, mas nesse intervalo que eu fui inscrita pra ir, o meu marido que estava comigo

não aceitou que fosse e aí ele me cortou, sabe? E tudinho, aí eu não pude ir, e foi a minha irmã que foi no meu lugar, e aí com isso, eu comecei a estudar a possibilidade e fiz a denúncia, mas na época não tinha, que por incrível que pareça, eu fui cortada no dia 14 de maio de 2006 e a Maria da Penha foi aprovado dia 7 de agosto de 2006. Então ele ficou solto, morando na comunidade ainda, então isso foi uma dificuldade muito grande, eu acho que isto foi pra mim engajar mais, aí eu pedi pra Deus se ele não me matasse que eu ia viver o resto da minha vida trabalhando em prol das pessoas (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

A violência física também foi um fato vivido por ela, quando existia apenas o interesse de poder expressar sua opinião e ajudar no crescimento da comunidade, Maria José foi exposta a uma cena de horror por tentar ocupar seu lugar dentro do território. Sabe-se que as mulheres negras são as que mais sofrem violência doméstica e mais são vítimas de feminicídio - por isso, por vezes também é conceituado como afrofeminicídio.

O segundo momento marcante na vida de Maria José aconteceu quando:

Foi chamada uma liderança aqui da comunidade, como era pra ir sozinha, ninguém se habitou a ir, aí eu me prontifiquei, isso foi em 2008, aí também, quando chegou lá fui sozinha daqui, aí fui me virando, perguntando, aí quando cheguei, eu comprei a passagem, compraram tudo a passagem né? Que eu sentei no avião, na minha poltrona, o cara veio e disse que não, o brancão veio e disse que não, que não era, foi a primeira vez, e disse que eu não tinha comprado, aí eu disse que era um engano que estava acontecendo. Aí tinha um pessoal de Capanema lá também que era o primeiro evento da CUT, que era da Eletronorte, que também trabalhava na CELPA. E aí levantaram lá e eu começamos a discutir, o cara acabou sendo preso na mesma hora, é por discriminação, por racismo, por eu ser negra. E na veste que eu estava vestida e tava indo bem simplezinha, que eu sempre gostei e com isso ele foi preso e foi a primeira vez que eu recebi uma indenização, que pra mim era muito grande era mil reais, mas deu pra fazer muita coisa né? que de lá eu fiquei, como sair no jornalzinho eu fiquei muito conhecida e graças a Deus continuei, não tive assim, pensei que eu não ia conseguir chegar lá, a me expor, mas não, eu consegui me expor e vivenciar muito bem a conferência que eu tinha ido fazer. A representar meu povo (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

Racismo é crime e é “um sistema de opressão que vai além de ofensas, negando direitos” (RIBEIRO, 2018, p. 49). No avião Maria José estava sendo impedida de exercer seu direito de ir e vir por estar em um espaço apropriado pela branquitude como local de privilégio branco. O racismo e o machismo são elementos estruturantes da sociedade, a situação vivida por Maria José é revoltante, tudo por causa da sua cor de pele e vestimentas. Ela conta que essa denúncia e a justiça aconteceram somente pelo fato de ter havido uma mobilização dentro do avião em favor dela.

se fosse só eu, não iria funcionar, alguém assim tomou porte por ser, outras pessoas assim, tomaram porte no avião, se não, não iria funcionar. Foi porque ele tentou pegar no meu braço e tirar, aí que o pessoal vieram, foi feita essa mobilização muito rápido. Então lá dentro do avião eu fiz amizade, muitas amizades e coloquei pra eles lá que eu não era coitada, eu era uma liderança, que queria trabalhar, mas eu não queria que eles, “coitada”, entendeu? Eu não gosto, eu nunca gostei (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

Dessa maneira, caminhando para o final da entrevista, Maria José deixa um recado importante a todas mulheres negras que estão lutando ou se mobilizando para ocupar espaços e conseguir o seu lugar de fala.

Eu aconselho que todas elas são capaz, a força, a resistência com as outras que se juntam, mas que não desistam porque assim a gente precisa de vocês nem todo

quilombola é negro, nem todo negro é quilombola (Maria José. Entrevista realizada em 29 de agosto de 2021).

A luta da Maria José continua, seu engajamento não pode parar, através da sua história de vida é possível perceber o quão longe uma mulher pode ir. Pensar lugar de fala é romper com o silêncio, pois a mulher negra precisa e deve contar por si só as suas lutas e suas dores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou tematizar a história de vida e experiências da liderança quilombola Maria José, descrevendo suas formas de luta e empoderamento contra as opressões. No relato é possível identificar a forte representatividade feminista dentro do território de São José de Icatú, assim como, é possível compreender de que forma as mulheres têm conseguido, com muita luta, conquistar seu espaço dentro da comunidade.

Maria José faz de sua vivência e luta uma autêntica luta política interseccional. A ação política da liderança feminina negra quilombola, a partir da pesquisa sobre a atuação de Maria José, pode ser caracterizada nos seguintes elementos:

Proteção ao território, diálogo com moradores para compreender o território como bem coletivo e não individual, e assim não negociar parcelas do território com pessoas ou empresas de fora da comunidade. Questão ambiental, preservação das florestas e educação ambiental com as crianças.

Garantia de direitos aos idosos, especialmente acesso à saúde e à aposentadoria. Ação educativa específica voltada para as crianças, sobretudo voltada para memória, tradição cultural afrodescendente e identidade quilombola.

Nos últimos dois anos, outra natureza de ação veio se somar, a ação voltada para proteção contra os efeitos da pandemia, tanto a circulação do vírus quanto a dimensão econômica e da segurança alimentar durante o período de isolamento social.

A sobrevivência à violência de gênero e racial, como o afrofemicídio, é lamentavelmente parte do cotidiano e parte constante da atuação política de mulheres negras militantes como Maria José.

Merece destaque a ação política específica para fortalecimento das mulheres, materializada no grupo "Flor da Roça", seu espaço construído para reuniões, encontros, brincadeiras e discussões de projetos para a comunidade. Neste espaço elas podem expressar suas dores, suas lutas e juntas procurarem soluções para os obstáculos do patriarcado racista. Maria José deixa claro que dentro do grupo as mulheres precisam ser psicólogas, amigas e irmãs uma das outras para incentivar a continuidade nos movimentos.

O grupo também funciona como um auxílio financeiro, elas desenvolvem a produção de polpas de fruta para venderem dentro e fora da comunidade. Sendo assim, o dinheiro ajuda no sustento familiar e desenvolve nas mulheres a responsabilidade com o manuseio do seu rendimento. Com isso, as mulheres podem contribuir com uma renda nas suas casas e moldam a importância de possuírem seu próprio negócio, buscando e fortalecendo sua autonomia.

Pesquisar sobre lugar de falar, ocupação de espaços e cargos nas lideranças por mulheres é romper a limitação patriarcal e silenciamento das mulheres; é uma forma de abrir espaços para que as mulheres possam trabalhar suas ideias e promovê-las, por isso, a necessidade de incentivá-las a falar e representar o seu povo. É uma maneira de levar a mensagem da libertação de todos os tipos de opressões e amarras patriarcais, pensar lugar de fala é romper com o silêncio ensinado aos subalternizados, rompendo com as ideias de que mulheres não podem ser o que desejam.

Com isso, é relevante contribuir com os estudos acerca das mulheres negras, pois a urgência com que esses temas possam ser debatidos em escolas, faculdades, seja qual for o local é imediato. É urgente resistir à violência contra as mulheres e o preconceito racial, através da

militância e permanência no movimento tem sido possível a conquista de espaços sociais e autonomia para as mulheres conduzirem suas vidas e construírem seus territórios e o futuro de suas comunidades.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora**, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Editora Filhos da África, 2018. 487 páginas.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia da Letra, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TRUTH, Sojourner. **E eu não sou uma mulher?**. Tradução de Osmundo Pinho. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. 2014.